

A HISTÓRIA DO PARENTE POBRE

Charles Dickens

Traduzido por Tarso do Amaral de Souza Cruz

O conto “The Poor Relation’s Story” foi originalmente publicado em 1852 na edição de Natal da publicação Household Words, coordenada pelo próprio Charles Dickens.

Ele estava relutante em ser o primeiro, entre tantos membros respeitáveis da família, a começar a roda de histórias, enquanto todos se sentavam em um grande círculo próximo à lareira de natal; e sugeriu modestamente que seria mais correto se “João¹, nosso estimado anfitrião” (a cuja saúde ele propôs um brinde) tivesse tido a bondade de começar. Pois, em relação a si próprio, disse, estava tão pouco acostumado a assumir a liderança que, realmente... Porém, como todos gritavam que ele tinha permissão, poderia e deveria começar, parou de esfregar as mãos, tirou as pernas debaixo da poltrona e começou.

Não tenho dúvidas (disse o parente pobre) que surpreenderei os membros de nossa família aqui reunidos e, particularmente, João, nosso estimado anfitrião, a quem devemos tanto pela grande hospitalidade com a qual, hoje, nos recebeu, com a confissão que farei. Mas, se vocês me derem a honra de serem surpreendidos por qualquer coisa que venha de uma pessoa tão sem importância na família como eu, somente posso dizer que serei escrupulosamente preciso em tudo o que contar.

Não sou o que deveria ser. Sou outra coisa bem diferente. Talvez, antes de continuar, eu devesse dar uma pincelada no que eu *deveria* ser.

Supõe-se, a não ser que eu esteja enganado – os membros de nossa família aqui reunidos me corrigirão, caso eu esteja, o que é bem provável (nesse ponto, o parente pobre olhou amigavelmente ao seu redor procurando por contradição), que eu não seja o inimigo de ninguém além de mim mesmo; que nunca tive nenhum sucesso específico em coisa alguma; que falhei nos negócios porque não fui pragmático e por ter sido inocente – ao não estar preparado para os planos interesseiros do meu sócio; que falhei

¹ John, originalmente em inglês. Sempre que os primeiros nomes e/ou sobrenomes dos personagens ofereciam possibilidade de tradução para o português com possível acréscimo de sentido para a compreensão do conto como um todo, optou-se por sua tradução/adaptação para a língua portuguesa.

no amor por confiar ridiculamente – ao pensar ser impossível que Christiana pudesse me enganar; que falhei em relação às expectativas que meu tio Frígido nutria por mim, ao não ter sido tão perspicaz em assuntos mundanos quanto ele poderia querer; que, ao longo da vida, tenho sido explorado e enganado de modo geral; que sou, no momento, um solteirão entre os cinqüenta e nove e sessenta anos de idade, vivendo de uma renda limitada, uma mesada trimestral, à qual, vejo, João, nosso estimado anfitrião, deseja que eu não faça mais menção.

As suposições quanto aos meus afazeres e hábitos atuais seriam as seguintes:

Vivo numa moradia temporária na estrada Clapham² – um quarto de fundos bem limpo numa casa muito respeitável – onde não se espera me encontrar durante o dia, a não ser quando doente; e, de lá, saio normalmente pela manhã, às nove horas, fingindo ir trabalhar. Tomo meu café da manhã – meu pão com manteiga e meu meio copo de café – na antiga cafeteria perto da Ponte de Westminster³. Depois, vou à cidade – não sei por que – e sento na Cafeteria Garraway⁴ e na ‘Change⁵, e ando por ali, e olho pra dentro de alguns escritórios e contadorias, onde alguns dos meus parentes e conhecidos são bons o suficiente a ponto de me tolerar, e onde fico perto da lareira, se o tempo calhar de estar frio. Passo o dia dessa forma, até as cinco horas e, então, janto: pagando, em média, uns trinta centavos⁶. Ainda com um restinho de dinheiro pra gastar em meu entretenimento noturno, olho para dentro da antiga cafeteria, enquanto vou pra casa, e tomo minha xícara de chá e, talvez, meu pedaço de torrada. Então, enquanto o ponteiro maior do relógio faz sua volta até as horas da manhã mais uma vez, faço meu caminho de volta para a estrada Clapham novamente e vou pra cama, quando chego à minha moradia – lareiras são caras e a família tem objeções a elas devido a darem muito trabalho e fazerem muita sujeira.

Às vezes, algum parente ou conhecido tem a bondade de me convidar para jantar. Esses são momentos de feriados e, depois, geralmente caminho no Parque. Sou um homem solitário e raramente caminho com alguém. Não que eu seja evitado por ser desalinhado. Pois não sou de maneira nenhuma desalinhado, visto sempre um terno preto muito bom (uma combinação bem Oxford, que parece preto e veste muito melhor). Mas desenvolvi o hábito de falar baixo e ser um tanto silencioso, e não

2 Clapham Road, situada no distrito de Clapham, na região sudoeste de Londres.

3 Ponte em arco sobre o Rio Tâmis, em Londres, que conecta os distritos de Lambeth e Westminster.

4 Garraway’s Coffee House: tradicional cafeteria inglesa que ficava situada na travessa conhecida como Change Alley – antiga Exchange Alley –, na região central de Londres. A Garraway’s Coffe House funcionou entre os fins da década de 1660 e 1866, quando encerrou suas atividades. Fonte online: <https://baldwinhamey.wordpress.com/2012/10/06/garraways-coffee-house/>, acessado em 24/06/2018.

5 Provável referência à supracitada Change Alley.

6 No original “one and threepence”, ou seja, o um *shilling* e três *pence*. Em se tratando da moeda do Reino Unido, a libra esterlina – originalmente em inglês pound *sterling*, ou simplesmente *pound* –, um *shilling* equivale à vigésima parte de uma libra, e um *pence*, à décima segunda parte de um *shilling*. Sendo assim, um *shilling* e três *pence* – “one and threepence” – equivalem a 15 *pence* e, consequentemente, a 0,0625 de uma libra. Levando-se em conta o valor médio atual – isto é, em 2018 – da libra esterlina em relação à moeda brasileira, o real, “one and threepence” equivaleriam a cerca de pouco mais de R\$ 0,30. Daí a opção por “uns trinta centavos” na presente tradução.

estou muito pra cima, e tenho noção de que não sou uma companhia atraente.

A única exceção a essa regra é o filho do meu primeiro primo, o pequeno Franco⁷. Nutro uma particular afeição por aquela criança, e ele gosta muito de mim. Ele é um garoto diferente por natureza e, em uma multidão, ele é logo atropelado, por assim dizer, e esquecido. Ele e eu, no entanto, nos damos extremamente bem. Imagino que a pobre criança irá, com o tempo, ascender à minha peculiar posição na família. Conversamos pouco. Ainda assim, nos entendemos. Andamos por aí de mãos dadas. E sem falar muito, ele sabe o quero dizer, e eu sei o que ele quer dizer. Quando ele era bem pequeno, eu costumava levá-lo às vitrines das lojas de brinquedo e mostrar a ele os brinquedos lá dentro. É surpreendente o quão cedo ele descobriu que eu daria muitos presentes a ele, caso eu tivesse condições de fazer isso.

O pequeno Franco e eu vamos olhar para o lado de fora do Monumento⁸ – ele adora o Monumento – e para as pontes, e para todos os pontos turísticos que são de graça. Em dois aniversários meus, jantamos uma carne a *la mode* e pagamos meia-entrada para uma peça, e ficamos profundamente interessados. Estava, uma vez, andando com ele na rua Lombard⁹, que nós freqüentemente visitamos devido a eu ter mencionado a ele que lá existe muita riqueza – ele adora a rua Lombard –, quando um cavalheiro me disse, ao passar, “Senhor, seu filhinho deixou a luva dele cair”. Garanto a vocês, se me desculpam por enfatizar uma circunstância tão trivial, que essa menção acidental à criança como sendo minha deveras tocou meu coração e trouxe as ridículas lágrimas aos meus olhos.

Quando o pequeno Franco for enviado à escola no campo, ficarei muito perdido em relação ao que fazer comigo mesmo, mas tenho a intenção de caminhar até lá, uma vez por mês, e vê-lo por um meio feriado. Disseram-me que ele estará brincando no Heath¹⁰. E, se objetarem às minhas visitas, por perturbarem a criança, posso vê-lo à distância sem que ele me veja, e caminhar de volta. A mãe dele vem de uma família altamente distinta, e desaprova bastante, eu sei, o muito que ficamos juntos. Sei que não sou preparado para melhorar a natureza acanhada dele; mas acho que a saudade que ele sentiria de mim seria mais do que uma coisa de momento, caso fôssemos completamente separados.

Quando eu morrer, na estrada Clapham, não deixarei muito mais nesse mundo do que dele levarei. Porém, calho de ter uma miniatura de um garoto de rosto brilhante, com os cabelos encaracolados, e com babados abertos descendo por seu peito (minha mãe a pegou para mim, mas não posso acreditar que tenha sido assim), que não valerá nada para vender, e que implorarei seja dada a Franco. Escrevi uma carta para o meu querido garoto com ela, na qual disse a ele que senti muito me separar dele,

7 Little Frank, originalmente em inglês.

8 Monumento ao Grande Incêndio de Londres: torre em estilo dórico, situada no centro de Londres, construída entre 1671 e 1677 em memória do Grande incêndio de Londres, ocorrido entre 2 e 5 de setembro de 1666.

9 Lombard Street: rua situada no centro de Londres e tradicionalmente associada a atividades bancárias e/ou mercantis.

10 Parque Hampstead Heath: parque de cerca de 320 hectares situado no noroeste de Londres.

apesar de estar inclinado a confessar não ver razão porque eu deva permanecer aqui. Dei alguns pequenos conselhos a ele, os melhores que poderia, para tomar cuidado com as conseqüências de não ser o inimigo de ninguém além dele mesmo. E me esforcei para confortá-lo no que, temo, ele considerará uma desolação, ao indicar a ele que eu era somente uma coisa supérflua qualquer para todo mundo, menos para ele. E como, por alguns meios, falhei em conseguir um lugar nesse grande grupo, eu estaria melhor fora dele.

Tal (disse o parente pobre, limpando sua garganta e começando a falar um pouco mais alto) é a impressão geral sobre mim. Agora, é uma circunstância admirável que forma o intuito e o motivo de minha história, que está toda errada. Essa não é a minha vida, e esses não são meus hábitos. Eu nem mesmo moro na estrada Clapham. Comparativamente falando, estou raramente lá. Resido, na maior parte do tempo, em um – estou quase envergonhado de dizer a palavra, ela soa cheia de pretensão – em um Castelo. Não quero dizer que ele é uma antiga habitação baronial, mas, ainda assim, ele é uma construção sempre conhecida por todos pelo nome de Castelo. Nele, preservo os detalhes da minha história. São os seguintes:

Foi logo quando firmei sociedade com João Inconfidente¹¹ (que havia sido meu balconista), e quando eu ainda era um jovem de não mais de 25 anos, morando na casa de meu tio Frígido¹², que nutria expectativas consideráveis quanto a mim, que me aventurei a propor casamento a Christiana. Amava Christiana havia muito tempo. Ela era linda e muito charmosa em todos os aspectos. Eu desconfiava de sua mãe viúva que, eu temia, tinha uma mente conspiradora e mercenária. Mas, eu pensava tão bem dela quanto eu podia, por Christiana. Eu nunca amara ninguém, a não ser Christiana, ela tinha sido todo o mundo, e, oh, muito mais do que todo o mundo para mim, desde nossa infância!

Christiana me aceitou com o consentimento de sua mãe, e fiquei de fato muito feliz. Minha vida na casa de meu tio Frígido era de um tédio monótono e meu quartinho no sótão era tedioso, e vazio, e frio, como um quarto de prisão em uma fortaleza tétrica do norte. Mas, tendo o amor de Christiana, não queria nada na Terra. Não trocava minha condição pela de nenhum outro ser humano.

Mesquinhez era, infelizmente, o principal vício de meu tio Frígido. Apesar de ser rico, ele furtava, e rapava, e roubava, e vivia miseravelmente. Como Christiana não tinha fortuna nenhuma, fiquei por algum tempo um pouco amedrontado de confessar nosso noivado a ele. Mas, finalmente, escrevi uma carta para ele dizendo como as coisas eram de fato. Coloquei a carta em suas mãos, uma noite, indo para cama.

11 John Spatter, originalmente em inglês. Um dos sentidos possíveis do verbo *'to spatter'* é *"to slander or defame"* (<https://www.thefreedictionary.com/spatter>), ou seja, 'difamar; caluniar'. Daí a opção pela tradução do sobrenome como 'Inconfidente', ou seja, "desleal, traçoeiro; infiel, falso, traidor", como aponta o Dicionário Houaiss da língua portuguesa.

12 Uncle Chill, originalmente em inglês. 'Chill' pode ser vertido para o português como 'frio', tanto como substantivo, quanto como adjetivo (<http://www.wordreference.com/enpt/chill>). Daí a opção por 'Frígido' na presente tradução.

Enquanto descia as escadas, na manhã seguinte, tremendo no frio ar de dezembro – mais frio na casa sem aquecimento de meu tio do que na rua, onde o sol de inverno, algumas vezes, brilhava e que ficava sempre mais interessante com os rostos alegres e com as vozes que passavam – eu trazia o coração apertado em direção ao longo, baixo cômodo onde meu tio, sentado, tomava café. Era um cômodo grande com uma lareira pequena e com uma grande janela saliente onde a chuva marcara, à noite, como se com lágrimas de desabrigados. Ela dava para um pátio tosco, com um piso de pedra quebrado, e algumas grades de ferro enferrujadas meio desenterradas, de onde uma casinha feia que já havia sido uma sala de dissecação (na época do grande cirurgião que havia hipotecado a casa para o meu tio) a encarava.

Nós acordávamos sempre tão cedo que, naquela época do ano, tomávamos café da manhã à luz de velas. Quando entrei no cômodo, meu tio estava tão contraído pelo frio e tão encolhido em sua cadeira atrás de uma vela fraca, que eu não o vi até chegar perto da mesa.

Enquanto dava minha mão a ele, ele pegou sua bengala (por não ter firmeza, ele sempre andava pela casa com uma bengala) e me bateu, e disse, “Seu tolo!”.

“Tio”, respondi, “não esperava você estivesse tão nervoso assim”. Nem havia esperado por isso, apesar de ele ser um velho duro e raivoso.

“Não esperava!”, ele disse; “Quando você esperou? Quando você alguma vez projetou, ou almejou, seu cachorro desprezível?”

“Essas são palavras duras, tio!”

“Palavras duras? São penas para atacar um idiota como você”, ele disse. “Aqui! Betsy Estalo¹³! Olhe para ele!”.

Betsy Estalo era uma velha murcha, feia, amarela – nossa única empregada – sempre ocupada, nessa hora da manhã, esfregando as pernas de meu tio. Como meu tio ordenara que ela olhasse para mim, ele colocou sua mão magra sobre a cabeça dela, que estava ajoelhada ao lado dele, e virou seu rosto em minha direção. Um pensamento involuntário conectando eles dois com a sala de dissecação, como deve ter sido na época do cirurgião, me passou pela mente em meio à minha ansiedade.

“Olhe para o frangote choramingão!”, disse meu tio. “Olhe para o bebê! Esse é o cavalheiro que, dizem, não é o inimigo de ninguém além dele mesmo. Esse é o cavalheiro que não sabe dizer não. Esse é o cavalheiro que estava tendo tanto lucro em seus negócios que precisou de um sócio outro dia. Esse é o cavalheiro que vai se casar com uma esposa sem nenhum centavo e que cai nas mãos das Jezebéis¹⁴ que estão especulando sobre minha morte!”

Eu sabia, agora, o quão grande era a raiva do meu tio; pois nada além de ele estar quase fora de si o teria induzido a pronunciar aquela palavra final, da qual ele

13 Betsy Snap, originalmente em inglês. ‘Snap’, como substantivo, pode ser vertido para o português como ‘estalo’ (<http://www.wordreference.com/enpt/snap>).

14 Referência à figura bíblica de Jezebel, tradicionalmente vinculada a falsos profetas.

tinha tanta repugnância, a ponto de ela nunca ser falada ou insinuada na presença dele de forma alguma.

“Sobre minha morte,” ele repetiu, como se ele estivesse me desafiando ao desafiar sua própria repulsa pela palavra. “Sobre minha morte – morte – Morte! Mas eu vou estragar a empreitada. Coma pela última vez debaixo desse teto, seu desgraçado fraco. E tomara que você engasgue!”

Vocês podem imaginar que eu não tive muito apetite para o café da manhã que me fora oferecido nesses termos; mas, sentei no meu lugar de costume. Eu vi que eu era repudiado pelo meu tio a partir de então; ainda assim, eu podia tolerar aquilo muito bem, possuindo o coração de Christiana.

Ele esvaziou sua tigela de pão e leite normalmente, só que ele a colocou no seu joelho, com sua cadeira virada para longe de onde eu me sentava à mesa. Quando ele terminou, ele apagou cuidadosamente a vela; e o terrível dia frio, cor de ardósia, nos fez uma visita.

“Agora, Senhor Miguel¹⁵,” ele disse, “antes de nos separarmos, eu gostaria de ter uma palavrinha com essas senhoras na sua presença.”

“Como quiser, senhor,” eu respondi; “mas você se engana e nos prejudica cruelmente se pensa que há algum outro sentimento em jogo nesse acordo além de amor puro, desinteressado, fiel.”

A isso, ele respondeu somente “Você mente!” e nenhuma outra palavra.

Nós fomos, por entre neve meio derretida e chuva meio congelada, para a casa onde Christiana e a mãe dela moravam. Meu tio as conhecia muito bem. Elas estavam sentadas, tomando seu café da manhã, e ficaram surpresas em nos ver àquela hora.

“Seu criado, madame,” disse meu tio à mãe. “A senhora pode suspeitar o motivo da minha visita, ousar dizer, madame. Soube que há um mundo de amor puro, desinteressado, fiel confinado aqui. Estou feliz em trazer para ele tudo o que ele quer, em torná-lo completo. Trago para a senhora seu genro, madame – e para você, seu marido, senhorita. O cavalheiro é um completo estranho para mim, mas desejo-lhe alegria em sua sábia barganha.”

Ele rosnou para mim enquanto ia embora, e nunca mais o vi novamente.

É um erro completo (continuou o parente pobre) supor que minha querida Christiana, persuadida e influenciada por sua mãe, tenha se casado com um homem rico, cuja carruagem, frequentemente, joga pó, nesses tempos tão mudados, sobre mim, enquanto ela passa. Não, não. Ela casou comigo.

O modo como viemos a nos casar, bem mais cedo do que pretendíamos, foi o seguinte. Arrumei uma simples moradia temporária e estava economizando e

15 Michael, originalmente em inglês.

planejando por ela, quando, um dia, ela falou comigo muito seriamente, e disse:

“Meu querido Miguel, eu te dei meu coração. Eu disse que te amava e eu havia prometido ser sua esposa. Eu sou tão sua, através de todas as mudanças do bem e do mal, quanto se nós tivéssemos nos casado no dia em que tais palavras passaram entre nós. Conheço você bem e sei que, se nos separássemos e nossa união fosse desfeita, toda a sua vida seria eclipsada, e tudo aquilo que, mesmo agora, poderia estar mais forte em seu caráter para o conflito com o mundo estaria, então, reduzido à sombra do que é!”

“Valha-me Deus, Christiana!” eu disse. “Você fala a verdade.”

“Miguel!”, ela disse, colocando sua mão sobre a minha com toda a devoção de uma dama, “não nos separemos mais. Cabe somente a mim dizer que posso viver satisfeita com o que você possui, e sei muito bem que você está feliz. Digo isso do meu coração. Não lute mais sozinho; lutemos juntos. Meu querido Miguel, não está certo que eu guarde segredo de você de algo que você nem suspeita, mas que aflige toda a minha vida. Minha mãe, sem considerar que o que você perdeu, você perdeu por mim, e, na convicção da minha fé, só se importa com riquezas e me empurra para outro pretendente, para meu sofrimento. Não posso suportar isso, pois suportar isso é não ser verdadeira com você. Eu preferiria compartilhar suas lutas a olhá-las. Não quero uma casa melhor do que a que você pode me dar. Eu sei que você vai se empenhar e trabalhar com mais coragem, se eu for completamente sua, e deixe ser assim quando você quiser!”

Eu fui, de fato, abençoado naquele dia e um novo mundo se abriu para mim. Logo nos casamos e levei minha esposa para o nosso lar feliz. Esse foi o começo da residência sobre a qual falei; o Castelo onde temos morado juntos desde então vem desde essa época. Todos os nossos filhos nasceram nele. Nossa primeira criança – hoje, casada – foi uma garotinha, que chamamos de Christiana. O filho dela é tão parecido com o pequeno Franco, que eu quase não sei quem é quem.

A atual impressão em relação aos negócios do meu sócio comigo é também bastante equivocada. Ele não começou a me tratar friamente, como um pobre idiota, quando meu tio e eu discutimos tão irrevogavelmente. Ele também, mais tarde, não tomou posse gradualmente de nosso negócio e me excluiu. Pelo contrário, ele me tratou com a maior confiança e honra.

As coisas entre nós se deram da seguinte maneira: no dia da minha separação do meu tio, e antes mesmo da chegada à nossa contadoria dos meus baús (que ele mandou buscar, *sem* o frete pago), desci até nossa sala de negócios, no nosso pequeno cais, com uma boa vista para o rio; e, lá, eu contei a João Inconfidente o que havia acontecido. João não disse, em resposta, que parentes ricos são fatos palpáveis e que

amor e sentimento eram devaneio e ficção. Ele se dirigiu a mim da seguinte forma:

“Miguel,” João disse, “nós fomos à escola juntos e, de modo geral, eu tinha a manha de me dar melhor do que você e de ter uma reputação melhor.”

“Você tinha, João,” eu respondi.

“Apesar”, disse João, “de eu pegar seus livros emprestados e perde-los; de pegar seus trocados emprestados e nunca pagar de volta; de te fazer comprar minhas facas danificadas por um preço mais alto do que eu tinha pagado por elas novas; e de pôr a culpa em você pelas janelas que eu tinha quebrado.”

“Nada que mereça ser mencionado, João Inconfidente,” eu disse, “mas, certamente, verdade.”

“Quando você estava se estabelecendo nesse negócio recém-inaugurado, que promete prosperar tão bem,” continuou João, “eu vim até você em busca de quase qualquer emprego, e você me fez seu balconista.”

“Ainda nada que mereça ser mencionado, meu querido João Inconfidente,” eu disse; “Ainda assim, igualmente verdadeiro.”

“E, ao descobrir que eu tinha uma boa cabeça para os negócios, e que eu era realmente útil *para* os negócios, você não gostou de me manter naquela posição, e pensou ser um ato de justiça, logo, me tornar seu sócio.”

“Isso merece ainda menos menção do que quaisquer daquelas outras pequenas circunstâncias que você lembrou, João Inconfidente,” eu disse; “pois estava, e estou, ciente de seus méritos e de minhas deficiências.”

“Agora, meu bom amigo,” disse João, passando meu braço pelo dele, como ele tinha o hábito de fazer na escola; enquanto duas embarcações, do lado de fora das janelas de nossa contadoria – que tinham o formato das janelas da popa de um navio – desciam levemente o rio com a correnteza, como João e eu poderíamos estar, então, navegando em companhia e em confiança, na nossa viagem pela vida; “que haja, sob essas circunstâncias amigáveis, um entendimento correto entre nós. Você é muito relaxado, Miguel. Você não é o inimigo de ninguém, além de você mesmo. Se eu fosse te punir com aquele caráter nocivo entre nossa parceria, com um balançar de ombros, um balançar de cabeça e um suspiro; e se eu fosse ainda abusar da confiança que você deposita em mim...”

“Mas você nunca abusará dela de modo algum, João,” eu observei.

“Nunca!” ele disse; “mas eu quero defender um ponto – digo, e se eu fosse ainda abusar daquela confiança ao manter essa parte de nossos negócios em comum em segredo, e aquela outra parte bem à vista, e, novamente, essa outra parte na escuridão, e assim por diante, eu reforçaria minha força e enfraqueceria sua fraqueza, dia após dia, até que eu me visse no caminho para a fortuna e você deixado para trás no meio do nada, um desesperador número de milhas fora do caminho.”

“Exatamente assim,” eu disse.

“Para prevenir isso, Miguel,” disse João Inconfidente, “ou a mais remota chance

de isso acontecer, deve haver abertura perfeita entre nós. Nada deve ser escondido, e nós não devemos ter nada além do mesmo interesse.”

“Meu querido João Inconfidente,” eu lhe assegurei, “isso é exatamente o que eu quero dizer.”

“E quando você for muito relaxado,” continuou João, seu rosto brilhando com amizade, “você deve me permitir impedir que seja tirada vantagem dessa imperfeição da sua natureza, por quem quer que seja; você não deve esperar que eu a alimente...”

“Meu querido João Inconfidente,” eu interrompi, “eu *não* espero que você a alimente. Eu quero que você a corrija.”

“E eu também!”, João disse.

“Exatamente assim!”, exclamei. “Nós dois temos o mesmo objetivo em vista; e, buscando ele honradamente, e confiando completamente um no outro, e tendo somente um interesse, a nossa sociedade será próspera e feliz.”

“Tenho certeza disso!”, respondeu João Inconfidente. E apertamos as mãos da forma mais afetuosa.

Levei João para meu Castelo e nós tivemos um dia muito feliz. Nossa sociedade prosperou bem. Meu amigo e sócio fornecia o que eu queria, como previ que ele faria, e, ao melhorar tanto os negócios quanto a mim mesmo, reconheceu amplamente qualquer melhoria na vida na qual eu lhe tenha ajudado.

Não sou (disse o parente pobre, olhando para a fogueira à medida em que vagarosamente esfregava as mãos) muito rico, pois nunca me importei em sê-lo; mas tenho o suficiente, e estou acima de quaisquer faltas e ansiedades moderadas. Meu Castelo não é um lugar esplêndido, mas é muito confortável, e tem o ar agradável e alegre, e é bem a imagem do Lar.

Nossa filha mais velha, que é bem parecida com a mãe, se casou com o filho mais velho de João Inconfidente. Nossas famílias são muito unidas por muitos outros laços. É sempre uma noite agradável, quando todos nós nos juntamos – o que acontece frequentemente – e quando João e eu conversamos sobre os velhos tempos e sobre o único interesse que sempre houve entre nós.

Eu realmente não sei, no meu Castelo, o que é solidão. Alguns de nossos filhos ou netos estão sempre por lá, e as vozes jovens dos meus descendentes são deliciosas – Oh, como são deliciosas! – de se ouvir. Minha esposa queridíssima e devotíssima, sempre fiel, sempre amável, sempre prestativa e mantenedora e consoladora, é a benção inestimável da minha casa, de onde todas suas outras bênçãos brotam. Nós somos uma família bem musical, e, quando Christiana me vê, em qualquer momento, um pouco cansado ou deprimido, ela corre para o piano e canta uma melodia suave, que ela costumava cantar assim que nos tornamos noivos. Sou um homem tão fraco

que não suporto ouvi-la de nenhuma outra fonte. Eles a tocaram uma vez, no Teatro, quando eu estava lá com o pequeno Franco; e a criança disse espantada, “Primo Miguel, de quem são essas lágrimas quentes que caíram na minha mão!”

Assim é o meu Castelo, e assim são os reais detalhes da minha vida lá preservada. Eu frequentemente levo o pequeno Franco lá. Ele é muito bem recebido pelos meus netos e eles brincam juntos. Nessa época do ano – época de Natal e Ano Novo – eu raramente saio do meu Castelo. Pois as relações com a época me seguram lá e os preceitos da época parecem me ensinar que está bem ficar lá.

“E o castelo fica em...” observou uma voz grave, gentil entre o grupo.

“Sim. Meu Castelo,” disse o parente pobre, balançando sua cabeça, enquanto ainda olhava para a fogueira, “fica no Ar. João, nosso estimado anfitrião, sugere sua situação perfeitamente. Meu Castelo está no Ar¹⁶! Terminei. Vocês seriam gentis o suficiente para continuar com as histórias?”

16 Em inglês, existe a expressão ‘*to build castles in the air*’, que pode ser definida da seguinte forma: “Alimentar sonhos, esperanças ou planos que são impossíveis, irrealis ou que tenham muitas poucas chances de serem bem-sucedidos” (<https://idioms.thefreedictionary.com/build+castles+in+the+air>).

THE POOR RELATION'S STORY

Charles Dickens

He was very reluctant to take precedence of so many respected members of the family, by beginning the round of stories they were to relate as they sat in a goodly circle by the Christmas fire; and he modestly suggested that it would be more correct if “John our esteemed host” (whose health he begged to drink) would have the kindness to begin. For as to himself, he said, he was so little used to lead the way, that really— But as they all cried out here, that he must begin, and agreed with one voice that he might, could, would, and should begin, he left off rubbing his hands, and took his legs out from under his armchair, and did begin.

I have no doubt (said the poor relation) that I shall surprise the assembled members of our family, and particularly John our esteemed host to whom we are so much indebted for the great hospitality with which he has this day entertained us, by the confession I am going to make. But, if you do me the honor to be surprised at anything that falls from a person so unimportant in the family as I am, I can only say that I shall be scrupulously accurate in all I relate.

I am not what I am supposed to be. I am quite another thing. Perhaps before I go farther, I had better glance at what I *am* supposed to be.

It is supposed, unless I mistake—the assembled members of our family will correct me if I do, which is very likely (here the poor relation looked mildly about him for contradiction); that I am nobody's enemy but my own. That I never met with any particular success in anything. That I failed in business because I was unbusiness-like and credulous—in not being prepared for the interested designs of my partner. That I failed in love, because I was ridiculously trustful—in thinking it impossible that Christiana could deceive me. That I failed in my expectations from my uncle Chill, on account of not being as sharp as he could have wished in worldly matters. That, through life, I have been rather put upon and disappointed, in a general way. That I am at present a bachelor of between fifty-nine and sixty years of age, living on a limited income in the form of a quarterly allowance, to which I see that John our esteemed host wishes me to make no further allusion.

The supposition as to my present pursuits and habits is to the following effect.

I live in a lodging in the Clapham Road—a very clean back room, in a very respectable house—where I am expected not to be at home in the day-time, unless poorly; and which I usually leave in the morning at nine o'clock, on pretence of going to business. I take my breakfast—my roll and butter, and my half-pint of coffee—at the old established coffee-shop near Westminster Bridge; and then I go into the City—I don't know why—and sit in Garraway's Coffee House, and on 'Change, and walk about, and look into a few offices and counting-houses where some of my relations or acquaintance are so good as to tolerate me, and where I stand by the fire if the weather happens to be cold. I get through the day in this way until five o'clock, and then I dine: at a cost, on the average, of one and threepence. Having still a little money to spend on my evening's entertainment, I look into the old-established coffee-shop as I go home, and take my cup of tea, and perhaps my bit of toast. So, as the large hand of the clock makes its way round to the morning hour again, I make my way round to the Clapham Road again, and go to bed when I get to my lodging—fire being expensive, and being objected to by the family on account of its giving trouble and making a dirt.

Sometimes, one of my relations or acquaintances is so obliging as to ask me to dinner. Those are holiday occasions, and then I generally walk in the Park. I am a solitary man, and seldom walk with anybody. Not that I am avoided because I am shabby; for I am not at all shabby, having always a very good suit of black on (or rather Oxford mixture, which has the appearance of Black and wears much better); but I have got into a habit of speaking low, and being rather silent, and my spirits are not high, and I am sensible that I am not an attractive companion.

The only exception to this general rule is the child of my first cousin, Little Frank. I have a particular affection for that child, and he takes very kindly to me. He is a diffident boy by nature; and in a crowd he is soon run over, as I may say, and forgotten. He and I, however, get on exceedingly well. I have a fancy that the poor child will in time succeed to my peculiar position in the family. We talk but little; still, we understand each other. We walk about, hand in hand; and without much speaking he knows what I mean, and I know what he means. When He was very little indeed, I used to take him to the windows of the toy-shops, and show him the toys inside. It is surprising how soon he found out that I would have made him a great many presents if I had been in circumstances to do it.

Little Frank and I go and look at the outside of the Monument—he is very fond of the Monument—and at the Bridges, and at all the sights that are free. On two of my birthdays we have dined on a-la-mode beef, and gone at half-price to the play, and been deeply interested. I was once walking with him in Lombard Street, which we often visit on account of my having mentioned to him that there are great riches there—he is very fond of Lombard Street—when a gentleman said to me as he passed by, "Sir, your little son has dropped his glove." I assure you, if you will excuse my

remarking on so trivial a circumstance, this accidental mention of the child as mine, quite touched my heart and brought the foolish tears into my eyes.

When little Frank is sent to school in the country, I shall be very much at a loss what to do with myself, but I have the intention of walking down there once a month and seeing him on a half holiday. I am told he will then be at play upon the Heath; and if my visits should be objected to, as unsettling the child, I can see him from a distance without his seeing me, and walk back again. His mother comes of a highly genteel family, and rather disapproves, I am aware, of our being too much together. I know that I am not calculated to improve his retiring disposition; but I think he would miss me beyond the feeling of the moment, if we were wholly separated.

When I die in the Clapham Road, I shall not leave much more in this world than I shall take out of it; but, I happen to have a miniature of a bright-faced boy, -with a curling head, and an open shirt-frill waving down his bosom (my mother had it taken for me, but I can't believe that it was ever like), which will be worth nothing to sell, and which I shall beg may be given to Frank. I have written my dear boy a little letter with it, in which I have told him that I felt very sorry to part from him, though bound to confess that I knew no reason why I should remain here. I have given him some short advice, the best in my power, to take warning of the consequences of being nobody's enemy but his own; and I have endeavoured to comfort him for what I fear he will consider a bereavement, by pointing out to him that I was only a superfluous something to every one but him, and that having by some means failed to find a place in this great assembly, I am better out of it.

Such (said the poor relation, clearing his throat and beginning to speak a little louder) is the general impression about me. Now, it is a remarkable circumstance which forms the aim and purpose of my story, that this is all wrong. This is not my life, and these are not my habits. I do not even live in the Clapham Road. Comparatively speaking, I am very seldom there. I reside, mostly, in a— I am almost ashamed to say the word, it sounds so full of pretension— in a Castle. I do not mean that it is an old baronial habitation, but still it is a building always known to every one by the name of a Castle. In it, I preserve the particulars of my history; they run thus:

It was when I first took John Spatter (who had been my clerk) into partnership, and when I was still a young man of not more than five-and-twenty, residing in the house of my uncle Chill from whom I had considerable expectations, that I ventured to propose to Christiana. I had loved Christiana, a long time. She was very beautiful, and very winning in all respects. I rather mistrusted her widowed mother, who I feared was of a plotting and mercenary turn of mind; but, I thought as well of her as I could, for Christiana's sake. I never had loved any one but Christiana, and she had been all the world, and O far more than all the world, to me, from our childhood!

Christiana accepted me with her mother's consent, and I was rendered very happy indeed. My life at my Uncle Chill's was of a spare dull kind, and my garret

chamber was as dull, and bare, and cold, as an upper prison room in some stern northern fortress. But, having Christiana's love, I wanted nothing upon earth. I would not have changed my lot with any human being.

Avarice was, unhappily, my Uncle Chill's master-vice. Though he was rich, he pinched, and scraped, and clutched, and lived miserably. As Christiana had no fortune, I was for some time a little fearful of confessing our engagement to him; but, at length I wrote him a letter, saying how it all truly was. I put it into his hand one night, on going to bed.

As I came down stairs next morning, shivering in the cold December air; colder in my uncle's unwarmed house than in the street, where the winter sun did sometimes shine, and which was at all events enlivened by cheerful faces and voices passing along; I carried a heavy heart towards the long, low breakfast-room in which my uncle sat. It was a large room with a small fire, and there was a great bay window in it which the rain had marked in the night as if with the tears of houseless people. It stared upon a raw yard, with a cracked stone pavement, and some rusted iron railings half uprooted, whence an ugly out-building that had once been a dissecting-room (in the time of the great surgeon who had mortgaged the house to my uncle), stared at it.

We rose so early always, that at that time of the year we breakfasted by candle-light. When I went into the room, my uncle was so contracted by the cold, and so huddled together in his chair behind the one dim candle, that I did not see him until I was close to the table.

As I held out my hand to him, he caught up his stick (being infirm, he always walked about the house with a stick), and made a blow at me, and said, "You fool!"

"Uncle." I returned, "I didn't expect you to be so angry as this." Nor had I expected it, though he was a hard and angry old man. "You didn't expect!" said he; "when did you ever expect? When did you ever calculate, or look forward, you contemptible dog?"

"These are hard words, uncle!"

"Hard words? Feathers, to pelt such an idiot as you with," said he. "Here! Betsy Snap! Look at him!"

Betsy Snap was a withered, hard-favored, yellow old woman—our only domestic—always employed, at this time of the morning, in rubbing my uncle's legs. As my uncle adjured her to look at me, he put his lean grip on the crown of her head, she kneeling beside him, and turned her face towards me. An involuntary thought connecting them both with the Dissecting Room, as it must often have been in the surgeon's time, passed across my mind in the midst of my anxiety.

"Look at the snivelling milksop!" said my uncle. "Look at the baby! This is the gentleman who, people say, is nobody's enemy but his own. This is the gentleman who can't say no. This is the gentleman who was making such large profits in his business

that he must needs take a partner, t'other day. This is the gentleman who is going to marry a wife without a penny, and who falls into the hands of Jezabels who are speculating on my death!”

I knew, now, how great my uncle's rage was; for nothing short of his being almost beside himself would have induced him to utter that concluding word, which he held in such repugnance that it was never spoken or hinted at before him on any account.

“On my death,” he repeated, as if he were defying me by defying his own abhorrence of the word. “On my death—death—Death! But I'll spoil the speculation. Eat your last under this roof, you feeble wretch, and may it choke you!”

You may suppose that I had not much appetite for the breakfast to which I was bidden in these terms; but, I took my accustomed seat. I saw that I was repudiated henceforth by my uncle; still I could bear that very well, possessing Christiana's heart.

He emptied his basin of bread and milk as usual, only that he took it on his knees with his chair turned away from the table where I sat. When he had done, he carefully snuffed out the candle; and the cold, slate-coloured, miserable day looked in upon us.

“Now, Mr. Michael,” said he, “before we part, I should like to have a word with these ladies in your presence.”

“As you will, sir,” I returned; “but you deceive yourself, and wrong us, cruelly, if you suppose that there is any feeling at stake in this contract but pure, disinterested, faithful love.”

To this, he only replied, “You lie!” and not one other word.

We went, through half-thawed snow and half-frozen rain, to the house where Christiana and her mother lived. My uncle knew them very well. They were sitting at their breakfast and were surprised to see us at that hour.

“Your servant, ma'am,” said my uncle, to the mother. “You divine the purpose of my visit, I dare say, ma'am. I understand there is a world of pure, disinterested, faithful Love cooped up here. I am happy to bring it all it wants, to make it complete. I bring you your son-in-law, ma'am— and you, your husband, miss. The gentleman is a perfect stranger to me, but I wish him joy of his wise bargain.”

He snarled at me as he went out, and I never saw him again.

It is altogether a mistake (continued the poor relation) to suppose that my dear Christiana, over-persuaded and influenced by her mother, married a rich man, the dirt from whose carriage wheels is often, in these changed times, thrown upon me as she rides by. No, no. She married me.

The way we came to be married rather sooner than we intended, was this. I took a frugal lodging and was saving and planning for her sake, when, one day, she spoke to me with great earnestness, and said:

“My dear Michael, I have given you my heart. I have said that I loved you, and I have pledged myself to be your wife. I am as much yours through all changes of good and evil as if we had been married on the day when such words passed between us. I know you well, and know that if we should be separated and our union broken off, your whole life would be shadowed, and all that might, even now, be stronger in your character for the conflict with the world would then be weakened to the shadow of what it is!”

“God help me, Christiana!” said I. “You speak the truth.”

“Michael!” said she, putting her hand in mine, in all maidenly devotion, “let us keep apart no longer. It is but for me to say that I can live contented upon such means as you have, and I well know you are happy. I say so from my heart. Strive no more alone; let us strive together. My dear Michael, it is not right that I should keep secret from you what you do not suspect, but what distresses my whole life. My mother: without considering that what you have lost, you have lost for me, and on the assurance of my faith: sets her heart on riches, and urges another suit upon me, to my misery. I cannot bear this, for to bear it is to be untrue to you. I would rather share your struggles than look on. I want no better home than you can give me. I know that you will aspire and labor with a higher courage if I am wholly yours, and let it be so when you will!”

I was blest indeed, that day, and a new world opened to me. We were married in a very little while, and I took my wife to our happy home. That was the beginning of the residence I have spoken of; the Castle we have ever since inhabited together, dates from that time. All our children have been born in it. Our first child— now married— was a little girl, whom we called Christiana. Her son is so like Little Frank, that I hardly know which is which.

The current impression as to my partner’s dealings with me is also quite erroneous. He did not begin to treat me coldly, as a poor simpleton, when my uncle and I so fatally quarrelled; nor did he afterwards gradually possess himself of our business and edge me out. On the contrary, he behaved to me with the utmost good faith and honor.

Matters between us, took this turn:— On the day of my separation from my uncle, and even before the arrival at our counting-house of my trunks (which he sent after me, *not* carriage paid), I went down to our room of business, on our little wharf, overlooking the river; and there I told John Spatter what had happened. John did not

say, in reply, that rich old relatives were palpable facts, and that love and sentiment were moonshine and fiction. He addressed me thus:

“Michael,” said John. “We were at school together, and I generally had the knack of getting on better than you, and making a higher reputation.”

“You had, John,” I returned.

“Although,” said John, “I borrowed your books, and lost them; borrowed your pocket- money, and never repaid it; got you to buy my damaged knives at a higher price than I had given for them new; and to own to the windows that I had broken.”

“All not worth mentioning, John Spatter,” said I, “but certainly true.”

“When you were first established in this infant business, which promises to thrive so well,” pursued John, “I came to you, in my search for almost any employment, and you made me your clerk.”

“Still not worth mentioning, my dear John Spatter,” said I; “still, equally true.”

“And finding that I had a good head for business, and that I was really useful to the business, you did not like to retain me in that capacity, and thought it an act of justice soon to make me your partner.”

“Still less worth mentioning than any of those other little circumstances you have recalled, John Spatter,” said I; “for I was, and am, sensible of your merits and my deficiencies.”

“Now my good friend,” said John, drawing my arm through his, as he had had a habit of doing at school; while two vessels outside the windows of our counting-house— which were shaped like the stern windows of a ship—went lightly down the river with the tide, as John and I might then be sailing away in company, and in trust and confidence, on our voyage of life; “let there, under these friendly circumstances, be a right understanding between us. You are too easy, Michael. You are nobody’s enemy but your own. If I were to give you that damaging character among our connexion, with a shrug, and a shake of the head, and a sigh; and if I were further to abuse the trust you place in me —”

“But you never will abuse it at all, John,” I observed.

“Never!” said he, “but I am putting a case— I say, and if I were further to abuse that trust by keeping this piece of our common affairs in the dark, and this other piece in the light, and again this other piece in the twilight, and so on, I should strengthen my strength, and weaken your weakness, day by day, until at last I found myself on the high road to fortune, and you left behind on some bare common, a hopeless number of miles out of the way.”

“Exactly so,” said I.

“To prevent this, Michael,” said John Spatter, “or the remotest chance of this, there must be perfect openness between us. Nothing must be concealed, and we must have but one interest.”

“My dear John Spatter,” I assured him, “that is precisely what I mean.”

“And when you are too easy,” pursued John, his face glowing with friendship, “you must allow me to prevent that imperfection in your nature from being taken advantage of, by any one; you must not expect me to humour it —”

“My dear John Spatter,” I interrupted, “I *don't* expect you to humour it. I want to correct it.”

“And I, too!” said John.

“Exactly so!” cried I. “We both have the same end in view; and, honorably seeking it, and fully trusting one another, and having but one interest, ours will be a prosperous and happy partnership.”

“I am sure of it!” returned John Spatter. And we shook hands most affectionately.

I took John home to my Castle, and we had a very happy day. Our partnership throve well. My friend and partner supplied what I wanted, as I had foreseen that he would; and by improving both the business and myself, amply acknowledged any little rise in life to which I had helped him.

I am not (said the poor relation, looking at the fire as he slowly rubbed his hands), not very rich, for I never cared to be that; but I have enough, and am above all moderate wants and anxieties. My Castle is not a splendid place, but it is very comfortable, and it has a warm and cheerful air, and is quite a picture of Home.

Our eldest girl, who is very like her mother, married John Spatter's eldest son. Our two families are closely united in other ties of attachment. It is very pleasant of an evening, when we are all assembled together— which frequently happens— and when John and I talk over old times, and the one interest there has always been between us.

I really do not know, in my Castle, what loneliness is. Some of our children or grandchildren are always about it, and the young voices of my descendants are delightful— O, how delightful!— to me to hear. My dearest and most devoted wife, ever faithful, ever loving, ever helpful and sustaining and consoling, is the priceless blessing of my house; from whom all its other blessings spring. We are rather a musical family, and when Christiana sees me, at any time, a little weary or depressed, she steals to the piano and sings a gentle air she used to sing when we were first betrothed. So weak a man am I, that I cannot bear to hear it from any other source. They played it once, at the Theatre, when I was there with Little Frank; and the child said, wondering, “Cousin Michael, whose hot tears are these that have fallen on my hand!”

Such is my Castle, and such are the real particulars of my life therein preserved. I often take Little Frank home there. He is very welcome to my grandchildren, and they play together. At this time of the year— the Christmas and New Year time— I am seldom out of my Castle. For, the associations of the season seem to hold me there, and the precepts of the season seem to teach me that it is well to be there.

“And the Castle is —— “observed a grave, kind voice among the company.

“Yes. My Castle,” said the poor relation, shaking his head as he still looked at the fire, “is in the Air. John our esteemed host suggests its situation accurately. My Castle is in the Air ! I have done. Will you be so good as to pass the story.”

Tarso Amaral de Souza Cruz

é professor adjunto de Literaturas de Língua Inglesa da UERJ e professor de língua inglesa e de literaturas de língua inglesa no Curso de Letras da FTESM.